

Uma nação que não amava a natureza

Janaina Zito Losada*

*Doutora em História; Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, Bahia, Brasil.
jjlosada@uol.com.br

doi:10.18472/SustDeb.v6n2.2015.15010

RESENHA

Luciana Murari. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009. 470 p. ISBN 9788579390012.

É contundente o retrato do Brasil imperial desenhado na literatura estudada por Luciana Murari. Ela constata que somos uma nação devastadora e devastada, ao mesmo tempo rica, esbanjadora e auto-consumida. No estudo das idéias e dos mitos sobre a realização dos indivíduos ou da civilização brasileira e a sua compreensão dos humanos e do meio natural, a autora nos leva a um passeio pelas principais referências de nossa nacionalidade: (i) a natureza como o maravilhoso; (ii) o pessimismo barroco que nega a natureza; (iii) a natureza como paisagem ou a vitória da civilização; (iv) a natureza como máquina perfeita; (v) a natureza como mundo material/recurso; e (vi) a natureza como metáfora.

A autora é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Economista de formação, a sua trajetória acadêmica voltou-se para a história nos estudos de pós-graduação. O tema da nacionalidade, da produção de nossa literatura e da natureza tem acompanhado Murari desde os seus estudos de mestrado e doutorado. Além da obra aqui analisada Murari escreveu *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os sertões*, publicado em 2007 pela editora Annablume, e vários artigos científicos e capítulos de livros.

Entre discursos e silenciamentos de autores brasileiros consagrados e de outros quase desconhecidos, Murari descreve uma gama bastante variada de ideias - positivismo, spencerianismo, darwinismo, ideias do *fin de siècle*, e inúmeros modernismos que mobilizaram sentimentos criados pela idealização paisagística e pela solidão trágica experimentada junto ao meio natural. Lá nas lonjuras das terras interioranas, os indivíduos modernos brasileiros experimentavam as mais argutas solidões e medos. Aparecem a precariedade da vida nos sertões e nas florestas, o mergulho nas umidades ou nas securas, a relação de domínio e o desejo de exploração realizado no enriquecimento violento, na destruição. As remotas fronteiras brasileiras se impunham aos homens e mulheres brasileiros. Nelas floresciam sertanistas, fortes, livres, indolentes, violentos, mas eles eram também desterrados. Eram indivíduos descritos por intelectuais nem sempre urbanos, nem sempre proprietários, nem sempre republicanos, mas ainda assim membros de uma elite porosa às influências internacionais conectados com as memórias de suas infâncias e mocidades.

A crítica política e o pensamento sociológico que alimentavam as interpretações do Brasil escritas pelos autores estudados atravessam os quatro capítulos. A obra é apresentada em um elegante prefácio assinado por Elias Thomé Saliba, que qualifica a interpretação da autora como sensível, erudita, sutil e segura. A organização da obra lembra uma peça teatral de quatro atos/capítulos, cujos expressivos títulos são, na ordem, “Um paraíso terrestre”, “Em guerra contra a natureza”, “A angústia do exilado” e “Redenção”. Das vastas e edênicas paisagens florestais aos sertões mais imemoriais que constituem as raízes da formação identitária brasileira, combinados com as lembranças da infância e da vida rural, a literatura estudada escrutina as paisagens e revela as idéias formuladas sobre a natureza brasileira.

A história contada por Murari se desenvolve no primeiro capítulo a partir dos referenciais de paraíso conforme escritos por Joaquim Nabuco e a sua natureza intocada pela humanidade. Isso dava ao Brasil uma original grandiosidade no teatro mundo. Do paraíso ao purgatório, a natureza era para Tobias Barreto o conflito, a paisagem era ausência de cultura. Para Machado de Assis, crítico do edenismo romântico, a natureza era monstruosa ou mesmo desinteressante. A autora retoma o ufanismo comemorativo da riqueza natural de Afonso Celso. De Graça Aranha ela resgata a vertigem e o assombroso espetáculo natural que constrangia o civilizado. De maravilhosas a traiçoeiras, as florestas brasileiras se viram sob o machado, a serra, o fogo e os discursos. O desenraizamento do humano em relação ao natural marcava a aproximação da barbárie que, associada à confusão conflituosa das nossas origens, constituía identidades multifacetadas. Nessas florestas o atraso foi o elemento que unificou, vexou e impôs a necessidade de superação.

O desejo da superação deste estado de atraso aparece a seguir, no segundo capítulo. Os brasileiros entraram em guerra com a natureza, numa busca insaciável de construir a civilização. As dores das guerras travadas nos sertões mato-grossenses, goianos e nordestinos, das solidões das fronteiras instáveis, e dos desastres estão presentes na narrativa de Alfredo d’Escagnolle Taunay. A abordagem naturalista dos escritos de Lima Barreto invocou a natureza na difícil luta pela vida e pela sobrevivência de indivíduos e de animais. Em Machado de Assis, foi a perspectiva darwinista da seleção natural das aptidões ambientais e humanas que sintetizou o nacional. A exuberância natural que tinha que ser vencida estava presente nas obras de Hugo de Carvalho Ramos e Coelho Neto. A bravura sertaneja foi também destacada como uma forma de sobreviver à natureza e enfrentar o meio hostil.

Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo e Gustavo Barroso deixaram ver, na análise de Murari, as secas inclementes, as errâncias e os sofrimentos daqueles que, por serem fortes, eram adaptados para sobreviver. Os sertanejos estiveram presentes também nas obras de Manuel de Freitas, José do Patrocínio, João das Neves e José Veríssimo. A história destes sertões foi uma verdadeira cruzada na leitura que a autora faz da obra de Angel Rama. Da força das produções de cacau na Amazônia às violências vividas nos interiores euclidianos, o nomadismo foi um tema de destaque na literatura nacional.

Mas, a natureza foi também redentora e mágica, como aponta a autora ao se debruçar sobre a obra de Mário Guedes. Foi a partir de Guedes que Luís da Câmara Cascudo descreveu o mapinguari amazônico, uma criatura coberta de pelos que devoraria os humanos. O medo foi tema da justificativa civilizacional da tomada de posse e da transformação da natureza selvagem em paisagem e madeira. Utilidade e sedução idílica também estão presentes no conjunto de autores estudados por Murari. Para esses intelectuais, o medo deveria ser superado pela ciência, pela ação destrutiva. Descrevem uma natureza que foi obstáculo mesmo quando foi fonte de riqueza. Era uma natureza consumida, adornada nas narrativas, temida e palpitante, uma natureza que exilou e isolou. A sua imagem ficou cada vez mais distante e desfocada.

Presente na literatura, mas tomado a partir dos referenciais urbanos, o meio natural foi construído nos tempos passados já não mais apenas na vida individual das infâncias ou das paisagens pitorescas das viagens, mas no sentido da própria nação. A natureza, no século XIX, tornou-se

o passado necessário dos largos tempos coloniais. Este é o tema trabalhado no terceiro capítulo, no qual a nostalgia e as sensibilidades ganham espaço no pensamento romântico nacional. Aloísio de Azevedo, Mario Alencar e Machado de Assis são destacados na construção de um pensamento que deixa a natureza do mundo rural neste espaço significativo e ao mesmo tempo cômodo, como um passado apenas acessado pelo sentido da saudade.

A literatura encontrou fórmulas para visibilizar o rural para o intelectual nem sempre tão urbano. Nas palavras da autora, a literatura sertaneja criou o sertão. Este sertão é floresta, é campo, é ruína. Domício da Gama, Monteiro Lobato e Olavo Bilac são trazidos para o entendimento do tema da decadência, pois neles a natureza oprimia e esmagava, tão grandiosa que assustava e vitimava o homem. A degeneração foi lida no esgotamento das terras, exauridas pelo processo interminável da derrubada e das queimadas constantes, no exercício de uma agricultura predatória. O esgotamento empurrava os colonos para outras paragens, para novas derrubadas e queimadas. Hoje podemos ler nesta literatura os desequilíbrios ambientais em relatos ou temores, em sensibilidades na observação das mudanças das paisagens, fruto das transformações das terras cobertas em campos e das matas nativas em fazendas produtivas. Assim foi com a cafeicultura paulista. A civilização ganhou com altos custos, provocou o desastre e elegeu entre como as saúvas e o capim os seus inimigos. A instalação das sociedades humanas civilizadas destruiu a natureza, fez ruínas das milenares florestas, ao mesmo tempo em que os seus intelectuais clamavam contra o desaparecimento dos pássaros.

A natureza mereceu vingança e na literatura de Waldomiro Silveira e de Simões Lopes Neto os brasileiros não se descuidaram de ter em mãos foices para controlar a invasão das árvores. Descritas como monstruosidades femininas, as grandes árvores se vingavam sem piedade dos humanos na obra de Coelho Neto. A leitura de Murari resgata destes autores as histórias de homens e mulheres vegetais, homens e mulheres animais, mesclas imaginárias que se transformavam em metáforas da falta de sucesso no caminho da civilização.

A escravidão havia deixado neste caminho uma marca profunda. A tristeza do banzo encobria, na literatura, as violências cotidianas. Mas, esta literatura que virava o século queria ser testemunha das mudanças provocadas pelos processos industriais. Fez do imigrante estrangeiro um destruidor. Ele foi o centro da disputa entre os projetos de modernização e os de conservadorismo que se sobrepuseram e se alternaram na história nacional. No quarto capítulo, o tema do progresso como redenção dos sentimentos nacionais é destacado a partir da leitura de André Rebouças e o seu turismo visionário, uma espécie de redenção nas experiências entre os humanos e a natureza no início do século XX. Era uma espécie de retorno de uma certa apreciação do sublime, momento de êxtase para homens e mulheres do nascente mundo do trabalho, momento esse em que se fugia da rotina, se apreciava a paisagem e se valorizava o contato pontual e marcante com o selvagem.

As ciências naturais e os seus diversos usos, que dinamizariam o trabalho e o comércio e a proteção das florestas e das árvores, foram destacadas no pensamento de Júlia Lopes. De Nestor Vitor Murari destacou as emoções provocadas tanto pela grandiosidade da natureza na Serra do Mar paranaense quanto pela engenhosidade na exploração dos potenciais recursos naturais. A redenção pela tecnologia para os nacionais e a natureza se dava nas plantações, nas pontes, nos lagos das hidrelétricas e no uso sistemático e em grande escala dos diversos recursos naturais. Os produtos da tecnologia foram vistos em sua grandiosidade e o ato de domar a natureza foi prestigiado pela literatura estudada na obra. Para chegar ao paraíso foi necessário inventá-lo e construí-lo a partir do meio natural grandioso, assustador e domado.

O diálogo de Murari com a historiografia contemporânea é primorosa. Nele vemos bailar autores como Flora Sussekind, Roberto Schwarz, Maria Louise Pratt, Nilo Odália, Roberto Ventura, Francisco Foot Hardman, Lilia Moritz Schwarcz, Nicolau Sevcenko, Eliana de Freitas Dutra. Warren Dean e Simon Schama são hoje tão clássicos e necessários quanto Sérgio Buarque de Holanda, Raymond Willians e Antonello Gerbi, todos presentes na análise da autora.

Desde que esta obra foi escrita, as reflexões sobre a natureza têm constituído um campo de pesquisa bastante frutífero nas ciências humanas e particularmente na história sobre o Brasil. Ao escrever uma história da literatura brasileira, das idéias e dos sentimentos sobre o meio natural presentes nesta literatura, a autora marcou o seu ingresso neste campo.

O pós-escrito não pode deixar de ser lido. É o êxtase que coloca fim à obra e que deixa as idéias propostas vivas na cabeça do leitor. Completam o livro 757 cuidadosas notas de rodapé, exigência acadêmica, índice de erudição e porta aberta ao diálogo.

Esta obra é uma história sobre uma nação que não amou a natureza, como afirmou Silvio Romero, na justa lembrança da autora. Para ele, aqui nos trópicos a nação e a natureza não se uniram nem pela ciência, nem pela arte. O leitor dirá se a própria literatura estudada na obra não foi o fruto mais extraordinário e multifacetado deste “dês-amor”.

Referências Bibliográficas

CASCUDO, Luis Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 2002.